

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VI

MAIO A JULHO DE 1901

N.º 5 A 7

## A Judiaria Nova e as primitivas Terceiras de Lisboa<sup>1</sup>

Abrindo os livros das *Chancellarias* dos primeiros reinados encontra-se immensas vezes a citação de Rua de Morraz; esta rua é a Rua da Calçetaria de 1755. As duas confrontações seguintes, além de muitas outras que neste logar omittimos, mostram a identidade entre estas duas ruas: . . . . *casas na rua de Morraz que vae para S. Francisco; partem por detraz com a judaria e por diante com rua publica que vae para S. Francisco, que é na rua de Morraz (1448)<sup>2</sup>;— . . . . casas que estão no começo da rua de Morraz, e a serventia d'ellas para a rua nova; partem por diante com as ditas ruas publicas de Morraz e da rua nova (1492)<sup>3</sup>.*

Além d'isso, por diversas confrontações de casas, conclue-se que esta rua tinha a direcção leste-oeste<sup>4</sup>.

Não sabemos se Morraz era nome ou alcunha de algum individuo que tivesse residencia ou propriedade naquelle sitio; o mais antigo documento em que o vemos mencionado é do tempo de D. Diniz; . . . . *hic invenies domos de moraz, et de rua nova, et taracenas, in collatione sancti Juliani (1299)<sup>5</sup>.* Entre as testemunhas de uma carta de avença

<sup>1</sup> Este artigo é resumido de um capitulo de «*As Murallas da Ribeira de Lisboa*», em publicação na REVISTA DE ENGENHERIA MILITAR.

<sup>2</sup> *Extremadura*, liv. VII, fl. 50.

<sup>3</sup> *Id.*, liv. VI, fl. 193 v.

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 12, era 1365 (anno 1327);—*Id.*, liv. III, fl. 7, era 1364 (anno 1326);—*Chancellaria de D. Pedro I*, liv. I, fls. 42, 47 v, era 1398 (anno 1360);—*Id.*, liv. I, fl. 116, era 1403 (anno 1365); etc.

<sup>5</sup> *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 18 v, era 1337.

entre elRei (D. Dinis) e o Concelho de Lisboa sobre os rocios e açougues e jugadas e outras cousas figura um Pedro Affonso de Morraz (morador em Morraz?, ou com o appellido de Morraz?) (1285)<sup>1</sup>.

Esta denominação conservou-se até ao fim do seculo xv, e foi trocada em Rua da Sapataria. Um documento de 1506 diz: . . . . a rua de morraz, que se agora chama sapataria<sup>2</sup>, porém já anteriormente havia sapateiros na mesma rua<sup>3</sup>.

No meado do seculo xv foi novamente a denominação da rua trocada em Rua da Calcetaria ou Rua dos Calceteiros<sup>4</sup>: . . . . rua que soia de ser da sapataria, e ora é da calcetaria (1554)<sup>5</sup>. No *Summario* de C. R. de Oliveira (1551) já assim vem designada<sup>6</sup>, e não foi mais mudada até ao terremoto de 1755<sup>7</sup>.

Alguns poucos documentos dão a esta rua o nome de Rua das Fangas da Farinha, que se applicava a uma outra rua de que em breve teremos de tratar: . . . . casas á entrada da rua dos fornos, no canto á mão esquerda, as quaes fazem duas frontarias; uma á dita rua dos fornos da banda do levante, e do sul com rua das fangas da farinha, em que ora estão os calceteiros (1552)<sup>8</sup>.—Casas que estão na rua das fangas da farinha; partem da banda do norte com rua publica da Calcetaria, e do sul com casas da moeda (1586)<sup>9</sup>.

\*

Houve em outros tempos nesta rua uma ponte destinada a dar passagem sobre a linha de aguas que a Rua dos Ourives do Ouro (de

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Diniz*, liv. I, fl. 163 v, era 1323.

<sup>2</sup> *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei Nosso Senhor*, n.º de ordem 93, anno 1506, fl. 15 v.—O mesmo diz um documento de 1504 citado em outro de 1537;—*Chancellaria de D. João III*, liv. xxiv, fl. 133, anno 1537.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 94, anno 1434; confirmação de um emprazamento feito por D. João I, de umas casas na Rua de Morraz, a Alvaro Gonçalves, sapateiro.

<sup>4</sup> CALCETEIRO; que faz, ou vende calças.—*Vocabulario* de Bluteau.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. lIII, fl. 187.—*Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 330, anno 1550.

<sup>6</sup> Rua dos Calceteiros; ed. de 1755, pag. 14.

<sup>7</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 18.

<sup>8</sup> *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 1664.

<sup>9</sup> *Chancellaria de D. Filippe I*, liv. xi, fl. 367 v.—*Id.*, liv. vi, fl. 200 v, anno 1582.

1755) veio substituir<sup>1</sup>. Teve ella o nome de ponte de Morraz<sup>2</sup>, ou ponte de Galonha; ..... *casas na rua de morraz sobre a ponte de Galonha* (1377)<sup>3</sup>;—..... *sotão e sobrado em Morraz á ponte de Galonha, apar da nossa adega* (1320)<sup>4</sup>; esta adega era pertencente ao Mosteiro de Santos-o-Novo, e ficava situada, na Rua da Calcetaria (de 1755), e o summario, quasi contemporaneo, escrito no mesmo documento, diz: *empozamento de um sotão e sobrado que é em a rua das esteiras*, e d'aqui podemos concluir que a situação d'estas casas, em frente da adega, era entre a Rua das Esteiras e a Rua dos Ourives do Ouro (de 1755), tendo uma fachada ou um topo sobre a Rua da Calcetaria (de 1755). Ao regueirão que passava por baixo da ponte, vemos em um documento no anno de 1295, chamar *rio de Morraz*<sup>5</sup>.

O mais antigo documento em que vimos fazer menção da ponte de Galonha é a carta do contracto de 1294: ..... *e deuo derribar da mha Casa q̄ sta apar da ponte de Galonha, tãta q̄ fique a rrua* (Rua Nova) *doyto braças*<sup>6</sup>. Este documento e o antecedente, quando outros não houvesse, seriam os sufficientes para comprovar a situação que dissemos ter occupado a ponte de Galonha, entre a Rua Nova e a da Calcetaria.

O ultimo em que a encontrámos citada é do anno de 1448<sup>7</sup>. Por 1466 abriu-se *sobre o cano* uma rua que ficou sendo a Rua Nova de El-Rei, e mais tarde a Rua dos Ourives do Ouro, e naturalmente desde essa epocha deixou de existir a ponte de Galonha, substituida tambem ahi pela cobertura do cano.

\*

Desde muito remotas eras havia na baixa do monte de S. Francisco, proximo do actual Largo de S. Julião, um sitio chamado Villa

<sup>1</sup> Sobre este assunto veja-se o primeiro capitulo do nosso trabalho sobre «As Murallas da Ribeira de Lisboa».

<sup>2</sup> Mosteiro de Santos-o-Novo, n.º 316, era 1395 (anno 1357).— *Id.*, n.º 315, (anno 1438).

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. II, fl. 49, era 1415.—*Chancellaria de D. Affonso IV*, fl. 19, era 1367 (anno 1329).

<sup>4</sup> Mosteiro de Santos-o-Novo, n.º 325, era 1358.

<sup>5</sup> *Collecção Especial*, caixa n.º 114, 4 de março da era de 1335 (anno 1297), que inclue outro da era de 1333.

<sup>6</sup> *Chancellaria de D. Diniz*, liv. II, fl. 81 v, era 1332.

<sup>7</sup> *Convento da Trindade*, n.º 98.

Franca, e ahi um edificio que designavam por Fangas da Farinha: . . . . *casas no beco das fangas da farinha, dentro das quaes antigamente vendiam farinha por fangas, d'onde lhe ficou o nome de fangas da farinha* (1573)<sup>1</sup>.

O nome de Villa Franca conservou-se pelo menos até 1504<sup>2</sup>, associado primeiro a *logar*, e mais tarde a *rua*: . . . . *casas no lugar que chamam villa franca, que são traz as fangas da farinha*; estas ficavam ao levante das casas confrontadas no documento (1327)<sup>3</sup>; — . . . . *rua que chamam villa franca, apar das fangas da farinha* (1368)<sup>4</sup>. Depois do fim do seculo XIV a designação de Villa Franca desapareceu, e ao local ficou o nome de Fangas da Farinha.

O estabelecimento onde vendiam a farinha por fangas era do patrimonio real, e foi dado por D. João I ao Concelho de Lisboa em 1384<sup>5</sup>. Onde elle era situado não sabemos, comquanto algumas conjecturas nos levem a collocá-lo em frente da Rua da Calcetaria: . . . . *nas fangas da farinha, testeiro da mesma Calcetaria* . . . . (1619)<sup>6</sup>; nesse caso seria em um dos pequenos quarteirões de casas, em frente da Rua da Calcetaria, que mostra a *Planta Topographica da Cidade de Lx.<sup>a</sup>*, de J. N. Tinoco (1650), mas que já se não vêem na estampa annexa a este artigo, pois foram demolidos pelo anno de 1665, para a abertura da *rua nova de Almada, que começa da Calcetaria e sáe ao Espirito Santo*<sup>7</sup>.

Tambem houve uma rua que se chamou das Fangas da Farinha; esta era a que ficava na direcção norte-sul, no topo occidental da Rua da Calcetaria: . . . . *casas que partem da banda do poente com praça e rua das fangas da farinha, e da banda do sul com rua da Calcetaria* (1573)<sup>8</sup>; — . . . . *casas que estão defronte das casas que foram fangas da farinha, e partem de ambas as partes (de dois lados) com rua das fangas da farinha* (1521)<sup>9</sup>.

<sup>1</sup> Tombo de 1573, liv. 1.º, fl. 186 v.

<sup>2</sup> Chancellaria de D. Manoel, liv. xxii, fl. 9.

<sup>3</sup> Chancellaria de D. Affonso IV, liv. iii, fl. 13, era 1365.

<sup>4</sup> Chancellaria de D. Fernando, liv. i, fl. 34, era 1406.

<sup>5</sup> Chancellaria de D. João I, liv. i, fl. 45 v, era 1422.

<sup>6</sup> Viagem da Catholica Real Magestade, etc., por J. Baptista Lavanha, 1622, fl. 51 v.

<sup>7</sup> Elementos, etc., por E. F. de Oliveira, 1.ª parte, tom. vi, pag. 530, nota.

<sup>8</sup> Tombo de 1573, liv. 1.º, fl. 189.

<sup>9</sup> Extremadura, liv. xii, fl. 97 v. — Chancellaria de D. Filippe I, liv. xxviii, fl. 286, anno 1593.

Não sabemos por que consideração deram também á Rua da Calcetaria, durante algum tempo, o nome de Rua das Fangas da Farinha, como atrás dissemos. Em um documento encontra-se: *rua dos calçeteiros das fangas da farinha* (1584)<sup>1</sup>.

\*

O Dr. Fr. Francisco Brandão, sobre a Judiaria Pequena de Lisboa, escreveu o seguinte: *Pouco distante (das taracenas), e quasi contigua se edificou a Judiaria noua em tẽpo delRey Dom Afonso Quarto. No seu liuro dos foros andão confrontadas muitas casas nesta Cidade, hũas das quaes achamos q̃ estauão na rua do Merrás (allias Morraz), e tinhão do Sul: «As casas em que morão os Iudeus nas Taracenas. Outras se aforrauão na Judiaria, que he junto a Taracena desta Cidade»: Assi que neste sitio estiuerão largos tempos as taracenas*<sup>2</sup>. Effectivamente, quando os judeus foram expulsos em 1317-19 do bairro que habitavam á Pedreira, é muito provavel que fossem então fundar a Judiaria Nova, mas ainda em tempo de D. Dinis; logo no primeiro anno do reinado de D. Affonso IV nos apparecem confrontações com a *judaria d'apar da taracena* (1325)<sup>3</sup>.

Esta judiaria, em contraposição com a Judiaria Grande, ou Velha, teve as denominações de Judaria Nova, Pequena, das Taracenas, ou d'apar das Taracenas, e Judaria Pequena da Moeda<sup>4</sup>. É certo que só foi criada nos fins do reinado de D. Dinis, pois em um inventario dos bens d'este rei, feito em 1299, no capitulo que trata de *domos de moraz, et de rua nova, et taracenas, et domos de ferraria in collatione Sancti Juliani*<sup>5</sup>, nem a mais pequena referencia se faz ás casas da judiaria neste sitio, quando vemos, no tempo de Affonso IV, que eram quasi todas de propriedade régia.

Esta Judiaria Pequena, pelo que pudemos comprehender, parece que se reduzia a uma rua, chamada da Judaria, ou das Taracenas, em direcção parallelá á Rua da Calcetaria (de 1755), e do lado sul da mesma. Assim na confrontação de muitas casas da Rua de Morraz, vemos que estas partiam pelo ávrego (sul) *com casas em que moram*

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Philippe I*, liv. xi, fl. 33 v.

<sup>2</sup> *Monarchia Lvsytana (Quinta parte da)*, 1650, fl. 22 v.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. iii, fl. 3 v, era 1363.

<sup>4</sup> *Extremadura*, liv. ix, fl. 73 v, anno 1502.

<sup>5</sup> *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 18 v, era 1337.

*judeus na rua das tercenas, ou com casas da judaria das tercenas*<sup>1</sup>; da mesma forma, tambem as casas do lado norte da Rua da Judiaria partiam pelo aguião (norte), com casas da Rua de Morraz, ou da outra parte de Morraz<sup>2</sup>.

Em 1370 mandou D. Fernando *derribar a rua das taracenas em que os judeus moravam, para accrescentar as casãs das ditas taracenas em que estão as minhas galés, em a qual rua dizem que moram muitos judeus e judias, e que ora não teem em que morar*<sup>3</sup>. . . . Ignoramos que providencia foi esta que tomou D. Fernando, se acaso não houve reconsideração de sua parte, pois que posteriormente continuamos a encontrar as confrontações das casas da Judiaria Nova, com casas de Morraz e outras, como se nada tivesse sido alterado; logo em 1373: . . . . *casas na judaria nova, que partem ao avrego (sul), com as taracenas, e aguião (norte), com casas da parte de Morraz*<sup>4</sup>.

\*

A Judiaria Pequena da Moeda teve uma synagoga ou esnoga, que partia *por detraz com casas da rua de Morraz*<sup>5</sup> e junto d'ella havia uma casa de banhos dos judeus<sup>6</sup>.

Entre estes estiveram, em tempo de D. Affonso IV, installados os tabelliães: . . . . *sotão no logar em que soiam ser os tabelliães; ao levante, casas d'el-Rei no canto da rua nova, ao poente, casas; a aguião (norte), casas d'el-Rei que são em Morraz; a avrego (sul), a rua das taracenas (1327)*<sup>7</sup>; naturalmente foi d'aqui que se transferiram para a Rua

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 7, era 1364 (anno 1326); — *Id.*, liv. III, fl. 19, era 1367 (anno 1329); — *Chancellaria de D. Pedro I*, liv. I, fls. 42 e 47 v, era 1398 (anno 1360); — *Id.*, liv. I, fl. 116, era 1403 (anno 1365); — *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 139, era 1411 (anno 1373); — *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. IX, fl. 113 v, anno 1461; etc.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 11 v, era 1365 (anno 1327); — *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 137, era 1411 (anno 1373); — *Id.*, liv. I, fls. 29 v e 31 v, era 1406 (anno 1368); etc.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 63, era 1408.

<sup>4</sup> *Id.*, liv. I, fl. 137, era 1411.

<sup>5</sup> *Extremadura*, liv. VII, fl. 194, anno 1473. — Outras citações e confrontações com a synagoga: *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 29 v, era 1406 (anno 1368); — *Extremadura*, liv. XI, fl. 77 v, era 1432 (anno 1394); — *Id.*, liv. I, fls. 121 e 217, anno 1498.

<sup>6</sup> *Extremadura*, liv. I, fl. 121, anno 1498.

<sup>7</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 11 v, era 1365.

da Mafalda (de D. Mafalda, de 1755), onde os encontramos em 1326 em uma casa que pouco depois o rei lhes doou.

\*

Quando para esta judiaria cessou a sua existencia politica em 1496-98, passou a ser chamada *villa nova d'apar da moeda*<sup>1</sup> ou *judiaria nova que foi*<sup>2</sup>; porém decorridos poucos annos já não existia esta Villa Nova, absorvida pelas construcções do Paço Real, da Casa da Moeda, e das suas dependencias.

Deixamos consignado o seu local para os curiosos; era uma rua aproximadamente segundo o eixo da Igreja de S. Julião, desde a porta principal, até á fachada do edificio do Banco de Portugal, sobre a Rua Aurea (Rua do Ouro).

\*

Parece que no reinado de D. João I foi installada na Rua Nova, quasi em frente da Ermida de N. S.<sup>a</sup> da Oliveira, uma *casa da moeda*; a sua situação conclue-se de varias confrontações: . . . . *casas na rua nova dos mercadores* (Rua Nova dos Ferros, de 1755), *defronte da rua das esteiras; da parte do sul parte com casas da moeda, e por diante com rua publica da dita rua nova* (1514)<sup>3</sup>. Havia na *rua nova, apar de S.<sup>ta</sup> Maria da Oliveira, duas casas de quatro portaes, ambas juntas, e pãrtem d'aguião* (norte) *com rua publica, do avrego* (sul) *com as taracenas, e teem uma torre das ditas taracenas* (1389)<sup>4</sup>. Vemos portanto a grande proximidade em que devia ficar a Casa da Moeda d'estas casas da Rua Nova, em frente da Ermida da Oliveira, e admittimos, pois que se nada encontrãmos a confirmã-lo, tambem nada vimos em contrario, que esta torre das tercenas é a mesma que passou a ser tambem chamada torre das casas da moeda: . . . . *tenda de ferraria, que está na ribeira, encostada ao muro é torre das casas da moeda, e*

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Manoel*, liv. xxii, fl. 30, anno 1504.—*Extremadura*, liv. vi, fls. 34 v e 42, anno 1504.

<sup>2</sup> *Extremadura*, liv. i, fl. 217 v, era 1498.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Manoel*, liv. xv, fl. 102.

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. ii, fl. 17, era 1427;—*Chancellaria de D. Pedro I*, liv. i, fl. 16, era 1395 (anno 1357);—*Extremadura*, liv. x, fl. 205, anno 1436; etc.

parte com o cano que sae das privadas para a ribeira, e por diante com caminho da dita ribeira que vae para as tercenas (1473)<sup>1</sup>. As privadas do Concelho, como dissemos em outro artigo<sup>2</sup>, eram no fundo do Beco do Jardim (de 1755); o cano das mesmas ia naturalmente desaguar na linha do *thalweg* do esteiro do Tejo que penetrava pelo valle da cidade baixa. Era esta *uma das torres* das tercenas, e a situação conjectural que marcámos para ella na estampa parece satisfazer aproximadamente a todas as confrontações mencionadas.

O primeiro documento em que encontrámos referencia a esta Casa da Moeda é, como dissemos, do tempo de João I<sup>3</sup>, não querendo affirmar com isso que já lá não estivesse anteriormente, o que comtudo não é provavel.

Não existe descripção do edificio, mas nos livros das *Chancellarias* apanham-se fragmentos dispersos, que dão detalhes mais ou menos curiosos: . . . . dois chãos em a nossa moeda na cidade de Lisboa. Um dos ditos chãos parte de uma parte com a dita torre (da moeda), e por elle se servem para a dita torre, e (para) um balcão que é sobre elle; e da outra, parte com parede da casa da afinação da dita moeda; e da outra, com parede de casas da dita moeda; e o outro chão (que está entre as chaminés das fornaças e a torre que ella, a casa da moeda, tem) é da parte da dita moeda, por onde agora entram e sahem da dita moeda para a ribeira (1475)<sup>4</sup>. — Uma torre de fundo acima, que é em o muro da moeda, e uma cosinha que F. fez na casa grande em que fazem a fundição, que é em frente da dita torre da parte de dentro, a qual é encostada á chaminé da manga da dita fundição, e mais um balcão que está sobre a porta por que entram da ribeira para a dita moeda, e mais um corredor que vae da dita torre ao longo do muro, por entre ambos os arcos, em o qual corredor ha tres casas, . . . . (1467)<sup>5</sup>.

Depois da expulsão dos judeus, o bairro da Judiaria Pequena foi completamente transformado. Além da construcção do Palacio Real, que foi logo no começo do seculo XVI, por meados do mesmo seculo a Casa da Moeda ou foi transferida um pouco mais para o occidente,

<sup>1</sup> *Extremadura*, liv. VII, fl. 181 v.

<sup>2</sup> Veja-se o capitulo sobre *A Ferraria*, no nosso trabalho «*As Murallas da Ribeira de Lisboa*».

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. IV, fl. 73 v, era 1460 (anno 1422).

<sup>4</sup> *Extremadura*, liv. VII, fl. 176.

<sup>5</sup> *Id.*, liv. IV, fl. 241.

ou ampliada, de forma que algumas casas da Rua da Sapataria ou da Rua da Calcetaria, partiam do sul<sup>1</sup>, ou do levante<sup>2</sup>, com *casas onde se faz a moeda*. É talvez essa a razão porque lhe chamavam *moeda nova*: . . . . *casas que partem por detraz com moeda nova, e por diante com rua publica da sapataria* (1543)<sup>3</sup>. Em 1687 foi construida uma nova casa ou officina<sup>4</sup>.

Algumas dependencias parece que não eram fabrica de moeda, mas erario: . . . . *lojas debaixo da varanda da rainha, e debaixo de onde ora está o thesouro da moeda; as cinco lojas que estão debaixo da dita varanda, que começam da porta da moeda, até á volta da rua de morraz, onde ora vive F. calceteiro; as primeiras duas d'estas estão junto da dita porta da moeda* (1552)<sup>5</sup>.

Nesta nova situação, um pouco mais ao poente da antiga, é que a Casa da Moeda podia ficar em frente da Rua dos Ourives do Ouro, como diz J. B. Lavanha, com referencia ao anno de 1619<sup>6</sup>.

Ha um documento do principio do seculo XVIII, que confrontando umas casas *chamadas da Torrinha*, que ficavam situadas na rua que ia da Calcetaria para o Arco do Ouro, diz que ellas partiam do nascente com *casa da moeda d'esta cidade* (1702)<sup>7</sup>, d'onde parece inferir-se que a Casa da Moeda ou occupava grande area, ou se achava muito proxima do extremo occidental da Rua da Calcetaria; são porém tudo trevas dificeis de esclarecer.

No anno de 1720 foi a Casa da Moeda transferida para o sitio em que hoje está na Rua de S. Paulo<sup>8</sup>.

O edificio em que funcionava foi adaptado a outros usos, mas parece que o seu *portal, cujo frontispicio fica quasi defronte da rua dos*

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. LVIII, fl. 104, anno 1554.—*Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. III, fl. 230 v, anno 1558.—*Chancellaria de D. Filippe I*, liv., VI, fl. 200 v, anno 1582.—*Id.*, liv. XI, fl. 367 v, anno 1586.—*Chancellaria de D. Filippe II*, liv. I, fl. 33 v, anno 1595.—*Id.*, liv. XXIV, fl. 13 v, anno 1609.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. LXXI, fl. 47 v, anno 1556.—*Chancellaria de D. Filippe I*, liv. XX, fl. 324, anno 1591.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. VI, fl. 44 v.

<sup>4</sup> Citação a pag. 62 do tom. I da *Descripção Geral e Historica das Moedas*, etc., 1875, por A. C. Teixeira de Aragão.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. LXI, fl. 66 v.

<sup>6</sup> *Viagem da Catholica Real Magestade*, etc., 1622, fl. 50.

<sup>7</sup> *Chancellaria de D. Pedro II*, liv. XLIV, fl. 339.

<sup>8</sup> Citação a pag. 65 do tom. I da *Descripção Geral e Historica das Moedas*, etc., 1875, por A. C. Teixeira de Aragão.

*Ourives do Ouro*, ainda se conservava em 1750, segundo o testemunho de Fr. A. da Conceição<sup>1</sup>.

O mesmo auctor dá confusamente a entender que no seu tempo chamavam *Casa velha da Moeda* á que existiu defronte da Rua dos Ourives do Ouro, e isto *por respeito da que depois* (houve) *na Calcetaria* (a que ficava fronteira á Rua dos Ourives do Ouro não era noutro sítio senão na Calcetaria!), e *pela que ha ao presente, donde foy a Ribeira da junta* (a S. Paulo)<sup>2</sup>.

O *Tombo da Cidade de Lisboa* (1755) não allude nem a Casa Velha da Moeda, nem mesmo indica neste sítio a existencia de algum edificio que tivesse servido de Moeda. Do *saguão* que ficava em frente da Rua dos Ourives do Ouro, para o lado da Rua Nova dos Ferros eram tudo casas e tendas de particulares; para o lado da Rua da Calcetaria ficavam umas casas de morada do secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real, em seguida umas casas da Congregação dos Ex.<sup>mos</sup> Principaes da Santa Igreja Patriarchal, que partiam pelo sul, como as antecedentes, com os Paços da Ribeira, e por ultimo a igreja fazendo esquina para o Largo da Patriarchal<sup>3</sup>. Talvez que a Casa da Moeda fosse abrangida na demolição que em 1751 soffreu o thesouro da Capella Real, que era junto d'aquella casa<sup>4</sup>.

\*

Orientados sobre a situação approximada da Casa da Moeda, podemos continuar com o estudo da Judiaria Nova. Esta, como as outras, era fechada com portas, de que se encontra menção de tres, sendo provavel que tivesse tido mais.

Uma era no extremo occidental da Rua da Judiaria: . . . . *na rua que se chama judaria nova pequena, junto com a porta da dita judaria que está defronte da rua que vae para a calçada de S. Francisco* (1498)<sup>5</sup>.

— Outra ficava no topo oriental da mesma rua, em um *beco que vae para as tercenas*<sup>6</sup>, a que tambem chamavam *beco da judaria*<sup>7</sup>, o qual

<sup>1</sup> *Demonstração Historica*, etc., 1750, pag. 204.

<sup>2</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>3</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 18 v, e 19.

<sup>4</sup> *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.<sup>o</sup> J. Baptista de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 106.

<sup>5</sup> *Extremadura*, liv. I, fl. 119 v.

<sup>6</sup> *Chancellaria de D. Pedro I*, liv. I, fl. 113 v, era 1403 (anno 1365).

<sup>7</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. IV, fl. 73 v, era 1460 (anno 1422).

devia approximadamente ficar em frente da Rua dos Ourives do Ouro, onde a nossa estampa mostra um pequeno beco ou saguão. Aquella porta, tanto de ingresso para a judiaria, como para as tercenas, parece que indifferentemente lhe chamavam Porta das Taracenas ou da Judiaria; assim o vemos em dois documentos do mesmo anno (1327): . . . . casa na judaria nova, á porta da minha (do rei) taracena; ao levante, a rua nova da dita villa de Lisboa, ao poente o logar que chamam Morraz, ao aguião (norte) a porta nova da dita judaria, a avrego (sul) o muro da minha taracena<sup>1</sup>. — . . . . casa na judaria nova; ao levante a porta da dita judaria e casas d'elRei; ao poente outrosim outra porta d'essa judaria, e casas d'elRei da rua de Morraz; a avrego (sul) rua publica (Rua da Judiaria), e o muro da taracena<sup>2</sup>. Esta ultima citação, além d'isso, mostra-nos a terceira porta da Judiaria, a qual se abria sobre a Rua de Morraz.

Voltando á porta que ficava no topo oriental da Rua das Terceenas, vemos que era fronteira á Casa da Moeda: . . . . casas que estão na judaria nova, á entrada da dita judaria, como (quando) entram pela porta d'apar da nossa casa da moeda da dita cidade; as quaes teem duas sahidas, uma para a rua que vem da dita moeda (deve ser o Beco da Judiaria, a que acima nos referimos), e outra com a dita judaria (rua) (1435)<sup>3</sup>. — . . . . casas que são no canto da porta por onde entram á judaria nova, á porta da moeda (1436)<sup>4</sup>.

\*

Mostrámos a existencia de uma das torres das tercenas, que ficava quasi fronteira á Ermida de N. S.<sup>a</sup> da Oliveira, porém fóra da Judiaria Pequena; muitos documentos dizem: e teem uma torre das tercenas<sup>5</sup>, o que parece dar a entender que as tercenas eram protegidas por mais de uma torre. E effectivamente assim acontecia; encontram-se varias confrontações de sotãos e casas na Judiaria Nova, que *partem com uma torre*<sup>6</sup>, a qual parece dava passagem, por baixo, á Rua da Judiaria: . . . . dois sobrados na judaria pequena da porta da moeda; os

<sup>1</sup> Chancellaria de D. Affonso IV, liv. III, fl. 11, era 1365.

<sup>2</sup> *Id.*, liv. III, fl. 11 v, era 1365.

<sup>3</sup> Extremadura, liv. X, fl. 153 v.

<sup>4</sup> Chancellaria de D. Duarte, liv. I, fl. 207.

<sup>5</sup> Chancellaria de D. Pedro I, liv. I, fl. 16, era 1395 (anno 1357). — Chancellaria de D. João I, liv. II, fl. 17, era 1427 (anno 1389); etc.

<sup>6</sup> Chancellaria de D. Fernando, liv. II, fl. 77, era 1419 (anno 1381). — Extremadura, liv. VII, fl. 36, anno 1447.

*ditos sobrados são os dois de todo acima da torre das pombas, e debaixo d'estes estão outros sobrados; e parte a dita torre em que os ditos sobrados estão (de tres lados com casas do rei) da outra parte com o muro do dito armazem (do reino), e por debaixo vae a dita rua publica que foi judaria (1501)*<sup>1</sup>, Esta, quanto a nós, devia ser a outra Torre das Tercenas, mas que por se achar mettida no meio da judiaria nunca a encontramos assim mencionada; da mesma fórma, a primeira, depois que junto d'ella se installou a Casa da Moeda, deixou de ser chamada Torre da Taracena, para passar a ser Torre da Casa da Moeda.

Esta *torre das pombas* apparece mencionada entre varias propriedades do rei, comprehendidas sob a epigraphie *Titulo da Rua que foi judaria d'apar da moeda (1506)*<sup>2</sup>; porém no mesmo inventario sob o titulo *Rua de Villa Franca e Fangas da Farinha*, faz-se referencia a uma *torre sobradada á porta de villa nova que foi judaria (1506)*<sup>3</sup>, de onde parece inferir-se que havia duas torres na Rua da Judiaria, e uma d'ellas á porta que se abria no extremo occidental.

Tinham pois as tercenas pelo menos tres torres defensivas. No meado do seculo XVI encontramos menção de uma Torre de Maracote: *..... casas em Lisboa, na rua da Tanoaria, que partem da banda do levante com a torre de Maracote, e da banda do sul com os armazens, e das outras partes com rua das fangas da farinha (1554)*<sup>4</sup>; é talvez a ultima das torres da Judiaria Nova, a que acima nos referimos.

Muito mais tarde, nos principios do seculo XVIII, ainda pareceria que se tratava da mesma torre, se não fossem as dimensões interiores (7 braças ou 11<sup>m</sup>,48,?) que tinham umas *casas chamadas da Torrinha, sitas na calcetaria*; as suas confrontações eram as seguintes: *da parte do sul partem com a escada da capella real, por onde se servem os capellães d'ella; e da banda do nascente com a casa da moeda d'esta cidade, e do poente com a dita rua que vae da calcetaria para o arco do ouro (1702)*<sup>5</sup>.

\*

Na pequena enseada que na foz do regueirão que vinha do norte formava o Tejo, protegido dos ventos da barra pelo escarpado do monte

<sup>1</sup> *Extremadura*, liv. II, fl. 137 v.

<sup>2</sup> *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei Nosso Senhor*, n.º de ordem 93, fls. 18 v e 20.

<sup>3</sup> *Id.*, *ibid.*, fls. 17 e 18.

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. LIII, fl. 68.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. Pedro II*, liv. XLIV, fl. 339.

de S. Francisco, tinham os nossos primeiros reis escolhido o porto para abrigo das suas galés. Porém ao longo de toda a praia que corria de um a outro lado do valle da Baixa, havia, em remotas eras, estaleiros para construcção e varadouro de navios.

Em um *Repertorio dos bens de D. Dinis em Lisboa, feito na era de 1337* (anno de 1299), e copiado por *Fernão Lopes na era de 1459* (anno de 1421), figura, sob o titulo de *taracenas* e outros, como propriedade do rei, o seguinte: *X sotanos et X solia insimul conjunctas aderedor ante galeas; in solio desuper galeis, contra monasterium sancti Franciscii, VIII sobratos et VIII sotanos; in rua quae dicitur rua nova, quae continet se de una parte cum galeis, contra occidentem, et de alia parte cum galeis contra orientem, XXX, scilicet XV solia et XV sotanos totos insimul conjunctos; habet dominus rex XII taracenas cum XII galeis apud ripariam*<sup>1</sup>.

Este extracto claramente nos mostra que a Rua Nova terminava em 1299 ao oriente e ao poente com galés, isto é, com tercenas. As tercenas do lado occidental, as *taracenas in collatione sancti Juliani* (1299)<sup>2</sup>, ou as *Casas da Galees*, a que se refere uma carta de contrato de 1294<sup>3</sup>, e onde D. Dinis fazia terminar a parte do muro a cuja construcção se compromettia, duraram até ao principio do seculo XVI. As do lado oriental, na freguesia de Santa Maria Magdalena, que não são mencionadas no mesmo documento de 1294, parecem não ter passado além do fim do seculo XIII.

Do tempo de D. Sancho II ha um documento pelo qual João Johannes, carpinteiro, e Ouroana Ricardes, faziam cedencia da renda de umas casas *quas habemus in parrochia sancte Marie Magdalene, circa palatium navigiorum regis* (1237)<sup>4</sup>.

Vinte e tres annos depois, tendo D. Affonso III mandado tomar a *Johanni Johannis, carpentario de Riparia Ulixbone, casam quam ipse fecit super portale que est inter barbicanam et palatium ubi ego mandavi fieri meas fanegas*, e reconhecendo que não tinha direito algum á dita casa, mandou que fosse restituída ao seu proprietario (1260)<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 18 v.

<sup>2</sup> *Id.*, fl. 18 v, era 1337.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Diniz*, liv. II, fl. 81 v, era 1332.

<sup>4</sup> *Mosteiro de Chellas*, maço 9, n.º 175, era 1275.—Vem tambem citado, sem indicação de origem, na *Monarchia Lvsytana (Quinta parte da)*, pelo Dr. Fr. Francisco Brandão, 1650, fl. 22 v.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. Affonso III*, liv. I, fl. 42, era 1298.

Como o local das fangas era na freguesia da Magdalena, perto da Alfandega e das Carneçarias<sup>1</sup>, quer a casa mencionada no ultimo documento seja a que se refere o anterior, quer não seja, comtudo o *palatium navigiorum regis*, na freguesia da Magdalena, em 1237, devia ser a tercena, *galeis*, com a qual em 1299 a Rua Nova *continent se, de alia parte, contra orientem*.

Nas tercenos junto com a Judiaria Nova abrigavam-se as galés reaes de D. Affonso IV<sup>2</sup>, de D. Fernando<sup>3</sup>, e provavelmente dos reis anteriores e seguintes.

No reinado de D. Dinis já existia *porto de Lisboa*, que talvez fosse constituído pelas tercenos do rei; D. Dinis querendo *fazer graça e mercê a vós, Abril Eanes, guarda do meu porto de Lisboa, tenho* (o rei) *por bem, e mando que vós façaes sobre aquella travanca (sic) da pedra do caes da Oira de Lisboa, que eu ahí mandei fazer, umas casas de morada* (1305)<sup>4</sup>.

\*

Já vimos que a Rua da Judiaria Nova era tambem chamada Rua das Terceiras e que estas ficavam do lado do sul, talvez separadas d'aquella rua por um muro da tercena; uma das portas da judiaria era tambem porta da tercena: . . . . *casa na judaria nova, á porta da minha* (do rei) *tercena d'essa villa; ao levante a rua nova da dita villa de Lisboa; ao poente o logar que chamam Morraz; ao aguião* (norte) *a porta nova da dita judaria; a avrego* (sul) *o muro da minha taracena* (1327)<sup>5</sup>.

Em tempo de D. João I as tercenos chegavam, do lado oriental, pelo menos até defronte da Ermida de N. S.<sup>a</sup> da Oliveira: . . . . *duas casas de quatro portaes, apar de S.<sup>ta</sup> Maria da Oliveira, ambas juntas, e partem d'aguião* (norte) *com rua publica* (Rua Nova), *do avrego* (sul) *com as taracenas, e tem uma torre das ditas taracenas* (1389)<sup>6</sup>.

São numerosos os documentos que nas confrontações de casas da Judiaria Nova dizem que partiam pelo sul com as Taracenas ou com

<sup>1</sup> Veja-se o capitulo intitulado *Algumas Ruas da Freguesia da Magdalena*, no nosso trabalho sobre «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*».

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 14 v, era 1366 (anno 1328), duas citações.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 63, era 1408 (anno 1370).

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. Diniz*, liv. III, fl. 40, era 1343.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, era 1365.

<sup>6</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. II, fl. 17, era 1427.

casas da Taracena<sup>1</sup>: . . . . *sobrado na rua das tercenas*; (ao levante e poente eram casas de judeus); *a aguião* (norte) *as minhas* (do rei) *casas da rua de Morraz*; *a avrego* (sul) *as taracenas em que são as minhas galés* (1328)<sup>2</sup>.

Tinham as tercenas um muro<sup>3</sup>, que não sabemos se seria obra de fortificação a que estivessem encostadas as tercenas, ou uma das paredes mestras dos armazens reaes; achava-se guarnecido de torres, e fazia naturalmente a continuação da muralha construída por D. Dinis para fechar o valle da Baixa ás incursões dos piratas.

\*

Nos fins do seculo xv, e principios do xvi, tratavam D. João II e D. Manoel, de remover para outros locais as tendas de ferreiros que estavam junto com as tercenas, a fim de deixar desembaraçado o espaço para recolher as mercadorias que vinham das conquistas, e para a construção dos grandes armazens das Casas da Mina, da Guiné e India, e do Paço Real da Ribeira<sup>4</sup>.

As tercenas ainda apparecem citadas em um documento de 1503: . . . . *tenda que parte por detraz com as tercenas do dito senhor* (o rei), *e por diante com rua publica da dita cidade*<sup>5</sup>; depois d'isso, pela teraplenagem da praia que lhes ficava fronteira, para a construção do terreiro, e do paço neste, as tercenas são invocadas apenas como uma recordação<sup>6</sup>.

\*

Em outro trabalho nosso vimos que a mais funda depressão do terreno firme que fica, inferiormente ao nivel das aguas do Tejo, em frente da Praça do Commercio (Terreiro do Paço), se inclinava para jusante da corrente do rio. Este facto é perfeitamente natural; no ponto de confluencia de uma corrente secundaria com outra mais importante,

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fls. 11 v e 12, era 1365 (anno 1327).

<sup>2</sup> *Id.*, liv. III, fl. 14 v, era 1366. — *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 137, era 1411 (anno 1373). — *Id.*, liv. I, fl. 31 v, era 1406 (anno 1368).

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 14 v, era 1366 (anno 1328).

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. João II*, liv. VIII, fl. 25 v, anno 1485. — *Extremadura*, liv. VI, fl. 261, anno 1495. — *Id.*, liv. IX, fl. 242, anno 1503.

<sup>5</sup> *Extremadura*, liv. IX, fl. 242.

<sup>6</sup> *Elementos*, etc., por E. Freire de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. VIII, pag. 548, anno 1685.

quer o movimento da agua seja sempre no mesmo sentido, quer seja alternadamente em sentidos contrarios, como acontece no caso em que ha fluxo e refluxo de marés, a linha de maior profundidade do affluente tem sempre tendencia para se desviar para o lado da foz da corrente principal.

A linha do *thalweg* do esteiro da baixa seguia a Rua dos Ourives do Ouro; da Rua Nova para o sul devia continuar obliquando para jusante, e o impeto da corrente do Tejo, que era então muito mais forte do que hoje, produziu ou provocou o desmoronamento de parte do monte de S. Francisco, minando a sua base que mergulhava no Tejo, de fórma que originou ahi um promontorio ou um escarpado, a que deram o nome de *barroca*.

Já talvez no tempo dos muşulmanos haviam lançado entulho na base do escarpado, no sítio das actuaes Praça do Municipio e Rua do Arsenal. O aterro ou campo que ficava onde é a Praça do Municipio, junto das tercenas do rei, já em tempo de D. Diniz se chamava a Oira, e nelle havia um caes mandado fazer pelo mesmo rei, como atrás vimos <sup>1</sup>.

No tempo de D. Affonso IV encontramos pela primeira vez mencionada a porta da *Oyra* <sup>2</sup>, de onde se deduz naturalmente que já existia a muralha em que esta porta se abria. A sua situação era approximadamente a indicada na estampa, e corresponde sensivelmente á entrada principal do Arsenal da Marinha <sup>3</sup>.

Em 1329 fez D. Affonso IV doação á Camara de Lisboa, *do campo á porta da Oyra, onde seccavam o pescado, para a camara ali construir casas, «ental gissa ã ssejam as ruas bẽ espaçosas, e ã lexem grande espaço antre as casas e as taracenas; out<sup>o</sup> ssey ffazede ã lexem contra o mar espaço tam grande, p<sup>r</sup> ã possam andar as gentes e ffolgar<sup>4</sup>»*.

Passados 23 annos voltou para a posse do rei, por escambo, *um campo que o dito concelho ha na dita cidade, no logar que chamam a Oyra, em o qual campo nosso senhor elRei D. Affonso o 4.<sup>o</sup> soe de ter suas galés, pelas divisões que ahi são postas, de guisa que possam ahi fazer taracena para estarem quatro galés, e outro sim o campo em*

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Diniz*, liv. III, fl. 40, era 1343 (anno 1305).

<sup>2</sup> *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. I, pag. 97, era 1367, (anno 1329).

<sup>3</sup> Não podemos entrar aqui em detalhes sobre as deducções que nos levaram á fixação do local da porta da Oira, e reenviamos o leitor para o nosso trabalho sobre «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*», capitulo sobre *A Muralha da Porta da Oira*.

<sup>4</sup> *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. I, pag. 97, era 1367.

que são as casas em que elRei tem a madeira, juntas com o muro das taracenas, e uma casa que é contra o mar, que fez o almoxarife da taracena para ter madeira.

Pretende alguém ver neste documento a origem do nosso Arsenal da Marinha<sup>1</sup>, opinião que não compartilhamos.

Sob o ponto de vista historico, notaremos que as tercenas são anteriores a D. Affonso IV, e conjecturamos que já existiam naquelle sitio antes da conquista christã em 1147; sob o ponto de vista topographico, estas doações de campos e casas não eram no sitio do actual Arsenal da Marinha, mas sim, segundo parece, junto do muro das tercenas, cujo local era o primeiro lanço da actual Rua de El-Rei (dos Capellistas) indo da Praça do Municipio.

Vimos que D. Affonso IV tinha as suas galés nas tercenas, e o campo á porta da Oyra, bem como o campo em que são as casas em que elRei tem a madeira, ficavam junto das tercenas. Por outro lado a margem do Tejo formava então ainda ahi uma concavidade, abrigada dos ventos da barra pelo escarpado do monte, e tambem talvez pela muralha da porta da Oura, e portanto era mais natural que se recolhessem ahi as galés do rei, do que na praia ao sul da muralha, onde está agora o Arsenal da Marinha, que naquelle tempo, por a praia apresentar uma linha convexa, ficava completamente desabrigada dos ventos do quadrante entre sul e oeste.

O aterro tambem não devia ser muito extenso ao sul da muralha, porque, como regra geral, começa-se sempre por entulhar as partes concavas das margens, e quando em 1294 D. Diniz construiu a sua muralha, ainda teve de alargar contra o mar duas braças, para fundar a essa distancia o muro<sup>2</sup>.

Até D. Manoel não se encontra nos documentos referencia clara a quaesquer outras tercenas que não sejam as que ficavam contiguas com a Judiaria Nova. Fernão Lopes dá a entender que em tempos de D. João I não havia ainda senão aquellas tercenas: . . . . o mestre veyose a cavallo muyto depressa á Ribeira, e entrou pela porta da Ter-cena<sup>3</sup>, e fallando da porta da Oura diz que he junto á ribeira (aliás com a beira)<sup>4</sup>, de (aliás da) agoa<sup>5</sup>, por onde devemos concluir que

<sup>1</sup> D. João I e a Alliança Inglesa, pelo Conde de Villa Franca, 1884, pag. 257.

<sup>2</sup> Chancellaria de D. Diniz, liv. II, fl. 81 v, era 1332 (anno 1294).

<sup>3</sup> Chronica delrey D. Ioam I, 1.ª parte, 1644, pag. 253.

<sup>4</sup> É a versão exacta, como pode ver-se na chronica manuscripta que existe no Archivo Nacional da Torre do Tombo.

<sup>5</sup> Chronica delrey D. Ioam I, 1.ª parte, 1644, pag. 193.

nessa epocha ainda era pequena a extensão da praia defronte da porta da Oura.

Foi D. Manoel quem mandou fazer o terreiro que está diante dos paços da ribeira de Lisboa, que era tudo praia<sup>1</sup>, e da mesma epocha datam tambem as primeiras tendas, tercenas e construcções ao sul da muralha da Porta da Oura, onde foi e onde é ainda o principal estaleiro de Lisboa ou Arsenal da Marinha<sup>2</sup>.

\*

Escreveu I. de Vilhena Barbosa que ficavam as *tercenas navaes, primeiro arsenal que houve em Lisboa e no reino digno de tal nome, situadas no local a que actualmente chamamos «Ribeira Velha», e que nessa epocha (D. Fernando) era um terreiro muito vasto que se estendia por fora da cêrca de muros da cidade, e banhado pelo Tejo. Neste sitio ha memoria de se construirem embarcações do estado em tempo del-rei D. Sancho II*<sup>3</sup>.

Depois do exposto, vemos que esta asserção é inexacta, e resultou da falsa interpretação dos documentos, e da confusão topographica dos locaes. O local da Ribeira Velha foi conquistado ao Tejo posteriormente ao aterro do Terreiro do Paço<sup>4</sup>.

Podemos aproximadamente acompanhar o raciocinio que levou os auctores modernos a collocar a judiaria e as tercenas no sitio da Ribeira Velha.

Foi Fr. Francisco Brandão o primeiro que disse, baseando-se no documento já citado, do tempo de D. Sancho II, que existia no cartorio do Mosteiro de Chellas<sup>5</sup>, que as primitivas tercenas reaes eram situadas na freguesia da Magdalena<sup>6</sup>; accrescenta que *pouco distante, e quasi contigua (às taracenas) se edificou a Iudiaria noua em tẽpo delRey Dom Afonso Quarto*<sup>7</sup>; diz mais, como viu nos livros das Chan-

<sup>1</sup> *Chronica do serenissimo Senhor D. Manoel*, por Damiam de Goes, 1749, parte 4.ª, pag. 600.

<sup>2</sup> Sobre este assumpto ainda reenviamos o leitor ao nosso trabalho sobre «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*», capitulos sobre *Do Corpo Santo ao Terreiro do Paço*, e *O Terreiro do Paço e o Palacio da Ribeira*.

<sup>3</sup> *Archivo Pittoresco*, vol. VIII, 1865, pag. 143. — *Id.*, vol. VI, 1863, pags. 129 e 297.

<sup>4</sup> Veja-se o capitulo sobre *O Terreiro do Paço e o Palacio da Ribeira*, do nosso trabalho sobre «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*».

<sup>5</sup> *Mosteiro de Chellas*, maço 9, n.º 175, era 1275 (anno 1237)

<sup>6</sup> *Monarchia Lusytana (Qvinta parte da)*, fl. 22 v.

<sup>7</sup> *Id.*, fl. 22 v.

*cellarias*, que as casas da Judiaria Nova partiam do norte com casas que estavam na Rua de Morraz.

Tercenas reaes na freguesia da Magdalena, houve-as certamente; eram as que ficavam perto do extremo oriental da Rua Nova, ou o *palatium navigiorum regis*; mas não confinavam com a judiaria, nem ficavam proximas da Rua de Morraz.

Ora Fr. Francisco Brandão, na impossibilidade de conciliar a situação da Rua de Morraz, que os livros das *Chancellarias* lhe diziam ser na freguesia de S. Julião, com o *palatium navigiorum regis*, que, segundo o documento, era na freguesia da Magdalena, e havendo já desde muito tempo desaparecido, tanto a Judiaria Nova como as tercenças, e finalmente, ignorando qual a rua que antigamente se havia chamado Rua de Morraz, resigna-se a não precisar, nem marcar aproximadamente, a situação da Judiaria e das tercenças.

Em 1734 imprimiu-se um folheto *que parece ser escrito no Reinado de D. João o III (menos o ultimo §)*<sup>1</sup>, que tem por titulo: *Memoria do celebrado galeam São João, Chamado vulgarmente o Bota-fogo, etc.* Este folheto, attribuido ao Dr. Jorge Coelho, diz que se limpou o sitio das Portas do Mar, para a construcção do galeão, em 1533-34<sup>2</sup>, e a coincidencia de haver tambem ahi um porto de abrigo, levou á conclusão de que havia nesse tempo, e portanto anteriormente, defronte das Portas do Mar em Lisboa, umas tercenças ou estaleiros de construcção de grandes navios.

Este local era na freguesia da Sé, mas I. da Costa Quintella<sup>3</sup>, e depois I. de Vilhena Barbosa<sup>4</sup>, não duvidam referir a elle a situação do *palatium navigiorum regis*, do reinado de D. Sancho II, e anno de 1237, quando o documento respectivo diz que ficava este na freguesia da Magdalena.

Admittida pois a situação das tercenças na Ribeira Velha, e na ignorancia de qual a rua que se havia chamado Rua de Morraz, foram, naturalmente, os auctores modernos levados a collocar na mesma Ribeira Velha a situação da judiaria, que lhe ficava *pouco distante, e quasi contigua*.

E era tal a convicção, que quando mesmo alguma judiaria houvesse na Ribeira Velha seria a que os documentos chamam Judiaria Nova ou

<sup>1</sup> *Annaes da Marinha Portuguesa*, por I. da Costa Quintella, tom. 1, 1839, pag. 410, nota.

<sup>2</sup> *Loc. cit.*, pag. 9.—*Annaes*, etc., por Quintella, tom. 1, pag. 410, nota.

<sup>3</sup> *Annaes*, etc., tom. 1, pag. 17.

<sup>4</sup> *Archivo Pittoresco*, vol. VIII, 1865, pag. 143.

Pequena, e não a Judiaria Velha ou Grande. Não obstante, confundindo uma com outra, pela dificuldade de lhes fixar a situação topographica, e os respectivos limites, vemos A. Herculano, levado tambem pela identidade de denominações, de factos relativos a epochas diversas, e de descripções applicaveis a mais de um edificio, considerar a Igreja da Conceição Velha como representante da synagoga principal da Judiaria Velha.

Ignacio de Vilhena Barbosa, não conseguindo fixar as tercenas no seu exacto logar, combateu todavia a idéa da judiaria na Ribeira Velha, e indicou vagamente a situação da sua synagoga grande <sup>1</sup>; porém na esteira do nosso grande historiador teem seguido muitos escriptores contemporaneos, e de tal fórma estão pegadas ao local da Ribeira Velha, as antigas Terceiras Reaes, a judiaria, e a esta o nome de Villa Nova de Gibraltar, que desfazer estas lendas se nos afigura trabalho extremamente difficil.

\*

Resumindo. É provavel que em toda a extensão marginal de Lisboa tivesse havido, desde remotas eras, estaleiros de construcção; mas sem entrar no dominio conjectural ou de supposição, o que os documentos conhecidos nos dizem é que as primeiras tercenas que houve em Lisboa, propriedade do Rei ou do Estado, não eram no sitio da Ribeira Velha, que nesse tempo ainda não havia sido conquistado ao Tejo, mas sim, umas pelo sitio do antigo Largo do Pelourinho, que só duraram até aos fins do seculo XIII, e outras, que permaneceram até ao fim do seculo XVI, ao sul da Rua da Calcetaria, ou na actual Lisboa, onde se abre o primeiro lanço da Rua de El-Rei (dos Capellistas), entre a Praça do Municipio (Largo do Pelourinho) e a Rua Aurea (do Ouro). No local da Ribeira Velha, como no Terreiro do Paço, e em todas as praias da marinha de Lisboa houve estaleiros de construcção, alguns dos quaes chegaram quasi até aos nossos dias <sup>2</sup>.

A. VIEIRA DA SILVA.

<sup>1</sup> *Archivo Pittoresco*, vol. iv, 1861, pag. 226;—*Id.*, vol. v, 1862, pag. 358.

<sup>2</sup> O sr. José Candido Correia, na sua *Memoria acerca das Construcções e Ar-mamentos Navaes*, que precede o *Catalogo Official dos Objectos enviados á Exposição Industrial Portugueza, em 1888* (Edição official, 1888, pag. 5 a 8), apesar das citações que apresenta, que lhe merecem uma limitada confiança, deixa em duvida a fixação do local do primitivo Arsenal, dizendo que a tarefa não seria facil talvez, apesar de tudo o que investigassemos (o auctor da *Memoria*).

